

LIGA ACADÊMICA DE HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA DA UFTM: DOZE ANOS DE CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DA ÁREA DE SAÚDE

PHG Armani, ANE Sato, MBC Mascarenhas, MC Queiroz, DPM Resende, LLPE Silva, I Zampieri, MHG Matheus, TI Egílio, SS Silva

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil

Introdução: As ligas acadêmicas são oportunidades singulares para o desenvolvimento de atividades extracurriculares focadas no tripé ensino, pesquisa e extensão, colaborando positivamente na formação dos acadêmicos. A Liga Acadêmica de Hematologia e Hemoterapia da UFTM (LAHH-UFTM) tem essa proposta, com atividades direcionadas à educação em saúde, pesquisa científica e promoção da saúde na comunidade. Ademais, oferece aos alunos um contato com a prática de Hematologia e Hemoterapia, já nos anos iniciais de sua formação, possibilitando experiências multidisciplinares com diferentes profissionais. **Objetivos:** Relatar as atividades da LAHH-UFTM entre os anos de 2012 e 2024 e destacar sua importância para o meio acadêmico e comunitário. **Materiais e métodos:** Trata-se de um relato de experiência das ações desenvolvidas pelos membros da LAHH desde sua implantação. Atualmente, a liga é composta por 9 coordenadores discentes e 24 ligantes dos cursos de Biomedicina, Enfermagem e Medicina. O programa é desenvolvido em reuniões quinzenais, abordando módulos como Hemoterapia, Anemias, Hemostasia e Onco-Hematologia. Durante os encontros, são realizadas aulas teóricas e práticas e elaboram-se temas para projetos comunitários. **Discussão:** Anualmente, a LAHH-UFTM realiza um simpósio aberto à comunidade acadêmica para informar sobre temas importantes em hematologia e hemoterapia e selecionar futuros ligantes. Entre 2012 e 2020, os principais projetos foram “Doadores do Futuro”, realizado em escolas de primeiro e segundo grau para conscientização sobre a doação de sangue, e “Anemia Ferropriva”, também com caráter de conscientização em escolas. Em março de 2020, as atividades da liga foram paralisadas devido à pandemia da Covid-19 e à suspensão das atividades acadêmicas. Em 2021, iniciou-se um plano de retomada das ações com uma nova coordenação, e um novo ciclo de aulas começou em abril de 2022. Desde então, a LAHH participou de eventos em parceria com Centros Acadêmicos dos cursos da área da saúde e com a universidade, incluindo a campanha “SUS todo dia, em todo lugar: 34 anos em defesa da vida”, na qual expôs a importância da doação de sangue e medula à população local, e um stand na Feira de Profissões da UFTM, onde apresentou suas atividades a alunos da educação básica de Uberaba e região. Em outubro de 2023, membros da coordenação da liga compareceram ao Congresso Nacional de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (HEMO) em São Paulo. Participaram de uma competição promovida pelo Sangue Jovem sobre inovações em saúde na terapia celular. **Conclusão:** A LAHH-UFTM, entre 2012 e 2024, mostrou-se essencial para a formação dos alunos, oferecendo experiências práticas e multidisciplinares. Suas atividades, desde projetos em escolas até a participação em congressos, destacam

seu impacto positivo na comunidade e na educação em saúde. A retomada das ações pós-pandemia reafirma seu compromisso com a educação, pesquisa e extensão. Em suma, a LAHH tem sido uma plataforma eficaz para o desenvolvimento profissional dos estudantes e a promoção da saúde na comunidade.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1888>

DESAFIOS E IMPLICAÇÕES DO AUMENTO NAS TRANSFUSÕES DE PLAQUETAS NAS EPIDEMIAS DE DENGUE NO BRASIL

AFM Fiorillo^a, GHSA Glória^a, ESM Almeida^a, PPCO Silva^a, GNR Silva^a, GM Silva^a, MPP Oliveira^a, LS Oliveira^a, JAGG Rodrigues^a, SMCBP Jesus^b

^a Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil

^b Hospital Sírío Libanês de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Objetivos: Este artigo analisa a conduta de transfusão de plaquetas em pacientes com dengue, avalia o impacto à nível de saúde pública do aumento da demanda deste hemocomponente e reforça a relevância da educação dos profissionais de saúde sobre as práticas clínicas. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa para responder à pergunta: “Qual o impacto da doação de plaquetas na epidemia de dengue?” com buscas bibliográficas nos bancos de dados Medline (PubMed), SCIELO Brasil e Google Acadêmico, utilizando os termos Dengue, Plaquetas e Transfusão. **Resultados:** Estudos mostraram que a transfusão de plaquetas em pacientes plaquetopênicos com dengue, não alterou significativamente o controle do sangramento ou a eficácia da coagulação. Geralmente, as transfusões são reservadas para casos graves de sangramento mucoso não controlado, apesar da falta de evidências sólidas para apoiar seu uso generalizado. Durante surtos de dengue, a alta demanda por plaquetas sobrecarrega os bancos de sangue, levando a estoques críticos e à necessidade contínua de recrutamento de doadores. No entanto, muitas dessas transfusões não estão alinhadas com diretrizes médicas baseadas em evidências, o que sugere um uso potencialmente desnecessário de plaquetas. Assim, é crucial uma gestão mais criteriosa para garantir que os pacientes com dengue se beneficiem adequadamente das transfusões de plaquetas. **Discussão:** Em 2024, o Brasil enfrentou a maior epidemia de dengue, com documentação de 4,3 milhões de casos nos primeiros quatro meses do ano, conforme dados do Ministério da Saúde. Sabe-se que a dengue pode levar a manifestações clínicas graves, incluindo manifestações hemorrágicas. A fisiopatologia dos fenômenos hemorrágicos da dengue é complexa, envolvendo: trombocitopenia acentuada, disfunção plaquetária e lesão endotelial associada à infecção. A trombocitopenia causada pela dengue é multifatorial, sendo secundária à destruição imunomediada das plaquetas, redução da produção de plaquetas na medula óssea e destruição periférica (pontos de fragilidade vascular). O papel das transfusões de plaquetas no contexto da dengue é

controverso, conforme evidenciado em um estudo realizado em Singapura e na Malásia, com 372 pacientes adultos, que não demonstrou benefício claro da transfusão profilática de plaquetas na prevenção de complicações como sangramento grave. A trombocitopenia na dengue resulta de várias causas, incluindo supressão da medula óssea e destruição autoimune das plaquetas. Sabe-se hoje que, com exceção de alguns grupos de risco específicos, não há evidências suficientes para recomendar a transfusão profilática de plaquetas em pacientes com dengue. Dessa forma, uma gestão criteriosa e baseada em evidências é essencial para o tratamento adequado dos pacientes e para gestão de hemocomponentes durante epidemias de dengue. **Conclusão:** O aumento de doadores de plaquetas no Brasil durante epidemias de dengue é uma resposta necessária, mas as transfusões devem ser baseadas em evidências clínicas para evitar uso desnecessário e riscos. É importante combinar políticas de saúde pública com boas práticas médicas para garantir que apenas pacientes necessitados recebam transfusões. Não há evidências que justifiquem a transfusão profilática de plaquetas, mas mais estudos são necessários para avaliar seus benefícios na prevenção de sangramentos graves em casos severos de dengue.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1889>

ANÁLISE DA MORTALIDADE POR LEUCEMIA MIELOIDE NO BRASIL, ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2022

CA Lopes, LCO Faria

Universidade Estácio de Sá - IDOMED, (UNESA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: As leucemias são um grupo de doenças caracterizadas pela proliferação descontrolada de leucócitos malignos na medula óssea e no sangue. Podem ser classificadas como agudas ou crônicas e, a depender da linhagem que acometem, em linfoides e mieloides. A leucemia mieloide aguda é a forma mais comum de leucemia aguda em adultos e tem apresentação rápida e progressiva, enquanto a leucemia mieloide crônica tem progressão mais lenta, sendo muitas vezes diagnosticada incidentalmente. **Objetivos:** Analisar as tendências da mortalidade por leucemia mieloide no Brasil em um período de 5 anos (2018 a 2022). **Material e métodos:** Trata-se de um estudo ecológico do tipo série temporal com dados secundários e abertos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Através do Sistema de Informações sobre Mortalidade do SUS (SIM-SUS) foram obtidos os registros de óbitos por leucemia mieloide no Brasil entre 2018 e 2022. Para o cálculo da taxa de mortalidade foi utilizado como referencial a população brasileira do Censo demográfico de 2022. As variáveis consideradas foram: capitais brasileiras, ano, casos por ano de diagnóstico, população e óbitos por leucemia mieloide. **Resultados:** No período de 2018 a 2022 foram notificados 10.190 casos de leucemia mieloide nas capitais brasileiras. Observou-se uma queda importante no número de diagnósticos no ano de 2020, que apresentou a menor quantidade de casos (1.834). Ao analisar o número absoluto de casos, notou-se que São Paulo teve o

maior (1.458), representando 14,3% do total. Em contrapartida, o município de Macapá registrou o menor número de casos (23). Referente ao total de óbitos, ocorreram 8.815 nas capitais brasileiras no período analisado. São Paulo foi a capital com maior número de óbitos (1.843), representando 20,9% do total, enquanto, Boa Vista teve o menor número de óbitos, com 16 ocorrências no período de 5 anos. No que se refere à taxa de mortalidade (TM) por leucemia mieloide, em 2022, Vitória apresentou uma TM de 9,91%, a maior dentre as capitais. Por outro lado, Macapá, apresentou 0,23% de TM, sendo considerada a capital com a menor taxa de mortalidade no período analisado. Em relação às taxas de letalidade, Macapá e Natal apresentaram as mais elevadas, com 91,3% e 86,17%, respectivamente, no período de 5 anos. **Discussão:** Ao analisar os dados obtidos para a leucemia mieloide no período de 2018 a 2022, notaram-se variações significativas nas métricas de número de casos e óbitos. Apesar da TM ser menor no Macapá comparado ao restante do país, o número de casos e de óbitos no período de 5 anos é muito próximo, o que confere à capital uma alta taxa de letalidade. Em comparação aos outros anos analisados, 2020 teve parâmetros majoritariamente menores, com queda tanto do número de casos quanto de óbitos. O impacto do Covid-19 pode ter contribuído para esses resultados, seja por subdiagnóstico e subnotificação ou pelo receio da população em frequentar ambientes hospitalares em busca de tratamento. **Conclusão:** Os dados revelam diferenças marcantes entre as capitais brasileiras no que concerne à leucemia mieloide. Tais disparidades destacam a necessidade de abordagens específicas e direcionadas para enfrentar essa doença, incluindo investimentos em detecção precoce e tratamento adaptado às necessidades locais, visando reduzir as discrepâncias e melhorar os resultados em saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1890>

FATOR V DE LEIDEN E SUA CARGA GENÉTICA EM HETEROZIGOTOS

MZ Baraldi, RT Silva, JL Coneglian, BB Vinholes, FS Zottmann, LC Gonçalves, CMV Borges, JBCB Silva

Faculdade São Leopoldo Mandic, Brasil

Objetivo: Fator V de Leiden (FVL) é o mais relevante indicador de risco genético de trombose. Trata-se de uma mutação que interfere diretamente na atuação da proteína C (PC) na sua forma ativada, um dos reguladores do sistema de coagulação, que atua na inativação proteolítica dos fatores Va e VIIIa. Esta alteração é decorrente da troca da arginina 506 do fator V por uma glutamina. Assim, há indução à resistência da PC ativada, em que a clivagem e inativação do fator Va é feita de forma insatisfatória, logo levando ao acúmulo e consequentemente aumentando o risco de trombose. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de duas irmãs com a referida mutação, em heterozigose, que sofreram eventos trombóticos. **Material e métodos:** Foram coletados dados do prontuário das pacientes e realizada pesquisa sobre “fator V de Leiden e carga genética em heterozigotos” no PubMed e Scielo. **Relato do caso:** Paciente n°1, feminino, atualmente com 46 anos; aos